

DESCIDA AO SEPULCRO

A SERRA DE MONTEJUNTO ACABA DE REVELAR UMA GRUTA DE GRANDES DIMENSÕES QUE SERVOU DE NECRÓPOLE HÁ MAIS DE 5000 ANOS

Texto de RUI DE CARVALHO e fotos de JORGE SIMÃO



A entrada na gruta não é fácil, mas uma vez dentro das salas só o perigo de danificar as ossadas nos limita os movimentos

A GRANDE motivação do espeleólogo quando entra numa gruta é pisar onde jamais homem algum pisou. Foi essa aspiração que levou os heróis de Jules Verne a penetrarem nas entranhas da Islândia rumo ao centro da Terra. É a busca dessa emoção que motiva todos os exploradores. Então, podemos adivinhar alguma desilusão no explorador que encontra vestígios de presença humana anterior no local onde julgou ser o primeiro?

Nada disso. «Foi então que senti o êxtase do explorador. Embrenhado no inóspito âmago da rocha e banhado pela atmosfera tenebrosa de um túmulo milenar intacto, saboreei a sublime emoção da descoberta», conta Frederico Regala, o jovem espeleólogo que primeiro vislumbrou as ossadas do sepulcro que durante mais de cinco mil anos guardou um «tesouro» arqueológico no algar do Bom Santo, na Serra de Montejunto. A emoção que a descoberta da história sempre desperta, suplantara a desilusão de não ser o primeiro naquele mundo subterrâneo. E ali estava, um pouco mais abaixo, a prova literal desta constatação: um conjunto de pegadas bem impressas na argila húmida. Aquele chão já fora pisado — mas há milénios. Provavelmente pelo último homem que ali foi depositar o cadáver do seu ente querido, antes de a serra se fechar aos homens da Idade da Pedra Polida. O período a que os arqueólogos chamam Neolítico final.

Frederico Regala descobriu a entrada da gruta durante uma prospeção que fizera naquela encosta da serra de Montejunto com um grupo de colegas da Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente de Torres Vedras. «O algar estava entulhado ao nível da entrada com calhaus, por entre os quais lançávamos pequenas pedras que, conforme ouvíamos, reboavam durante alguns segundos», conta.

Foi no dia 20 de Junho do ano passado que os jovens espeleólogos decidiram explorar a nova descoberta. Descobriram uma outra entrada num ponto mais alto da encosta, que permitia introduzir a cabeça e verificar que tinha continuação para baixo. Alargando um pouco o orifício e retirando algumas pedras, conseguiram ganhar espaço para a progressão. Mas a passagem só era suficiente para «expelindo o ar dos pulmões, conseguir passar o tórax e desobstruir mais à frente», diz Regala.

Depois desse trabalho, a abertura já permitia passar, mas numa posição muito difícil. «Depois de comprimir o tórax sobre um grande bloco, era preciso avançar alguns centímetros rodando o tronco até apoiar as costas no chão da galeria e, ao mesmo tempo, dobrar o corpo lateralmente ao nível da cintura de modo a vencer uma curva de quase 90 graus», prossegue.

Foi assim que Regala penetrou na gruta e a luz da lanterna lhe mostrou uma imensidade de esqueletos, e um pequeno objecto entre os ossos que lhe chamou a

atenção. «Conduzi o foco de luz para o local e descobri uma concha furada na aurícula — um dos adornos típicos do homem pré-histórico», recorda.

Regala estava entusiasmado com a descoberta, mas foi chamado pelo colega Rui Mergulho, que o seguia e lhe pedia para desobstruir um pouco mais a entrada pelo lado de dentro. Assim fez, e Mergulho iniciou a entrada mas, quando encostou as costas, sentiu as pernas presas. «Com os calcanhares presos e a perna direita pressionada junto da articulação por uma aresta da rocha, fiquei absolutamente imóvel», relata Mergulho.

Depois de alguns esforços, o jovem percebeu que não seria fácil libertar as pernas. E recuar era absolutamente impossível devido à posição em que se encontrava. «Cada tentativa servia apenas para que a rocha exercesse pressão cada vez mais dolorosa sobre a perna», recorda. Apesar do sofrimento, Mergulho recusou a proposta dos colegas de chamarem os bombeiros. Preferia esperar pelo Paulo Pacheco, que estava a 60 quilómetros, em Torres Vedras. «Não apenas por ser credenciado para salvamentos em grutas», explica Mergulho. «Era uma questão de confiança gerada ao longo de anos de explorações.»

Foi com o recurso ao macaco do carro que conseguiram finalmente elevar ligeiramente o bloco de rocha. O suficiente para o Mergulho escorregar pelo chão da gruta, «com um urro de dor, mas trazendo as pernas com ele», conta Regala. A partir do ponto de entrada, a progressão na gruta não oferecia qualquer dificuldade, tal como no dia em que o EXPRESSO a visitou. Apesar de ainda ser necessário franquear a entrada em posição deitada, os primeiros trabalhos de escavação já estavam realizados, e a única limitação na visita às diversas salas era a necessidade de não danificar o espólio.

Os jovens exploradores comunicaram o achado ao Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (IPPAR) que, ao contrário do que sucede com muitos outros achados, promoveu rapidamente o estudo e preservação do local. Os especialistas envolvidos são o arqueólogo José Morais Arnaut, do IPPAR, e a antropóloga Cidália Duarte, actualmente a fazer doutoramento na Universidade de Alberta, no Canadá.

Mais esquecidos ficaram os heróis da descoberta. A sua associação nem dispõe de uma sede. Fizeram um notável levantamento topográfico da gruta mas é um trabalho que exige, pelo menos, um local onde montar um estirador. A Câmara de Torres Vedras não parece mostrar-se reconhecida. Veja lá, senhor presidente. Se vir bem, até é capaz de ter no seu município um desses programas de milhares de contos de «apoio» aos drogados. Olhe que estes jovens passam todos os tempos livres a «passar-se» na emoção da descoberta, «pedrando-se» com a preservação do nosso património. É o melhor combate à droga. ■





A flauta mágica

Texto de
JOSÉ ARNAUT*
CIDÁLIA DUARTE**

FORAM recentemente concluídas as primeiras investigações sistemáticas da gruta denominada «Algar do Bom Santo», na serra de Montejuento, utilizada como necrópole há cerca de cinco mil anos. Esta necrópole reveste-se de especial importância, não só no contexto português mas até a nível mundial, dada a enorme abundância e excelente estado de conservação das ossadas humanas encontradas. Uma primeira contagem dos crânios visíveis à superfície das várias salas e nichos em que a gruta se divide atingiu cerca de uma centena.

As escavações entretanto realizadas, financiadas pelo IPPAR e com o apoio logístico de diversas entidades, permitiram verificar a existência de muitos outros crânios, por vezes em pequenos grupos. Apesar de a maior parte dos cadáveres terem sido depositados à superfície e não enterrados, o bom estado de conservação do espólio arqueológico pode dever-se ao facto de a gruta ter sido selada por um enorme bloco de pedra após a sua última utilização como necrópole e assim ter permanecido durante mais de cinco mil anos.

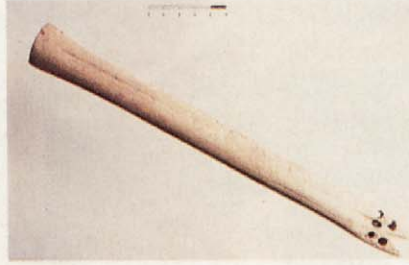
Não se encontraram até hoje quaisquer vestígios de ocupação humana atribuíveis a épocas posteriores ao Neolítico final. Assim, foi com um misto de espanto, emoção e entusiasmo contido que penetrámos pela

primeira vez naquele espaço e contemplámos, em profundo silêncio, as salas peçadas de ossos humanos e as pegadas deixadas na argila húmida pelos derradeiros visitantes pré-históricos.

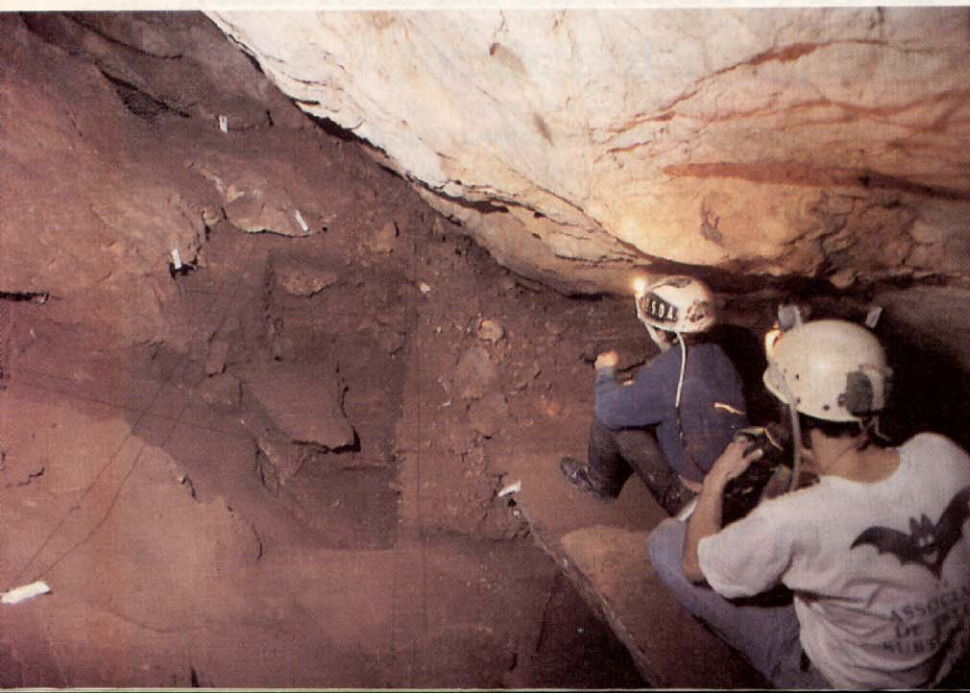
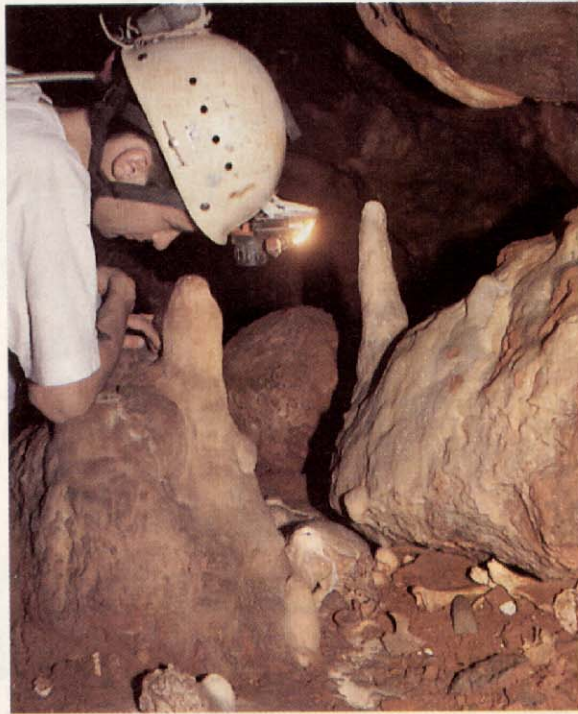
A extrema homogeneidade dos artefactos encontrados junto das ossadas permite afirmar que a gruta terá sido utilizada durante um período de tempo em que não houve mudanças na cultura material dos seus utilizadores. Embora não existam ainda datações pelo radiocarbono, por analogia com outras jazidas que apresentam características idênticas, calcula-se que tenha sido usada entre 3500 e 3000 anos antes de Cristo.

Os artefactos mais comuns até agora encontrados são lâminas e lamelas de sílex sem vestígios de utilização, bem como alguns utensílios feitos a partir de lâminas, como triângulos e trapézios. Os utensílios de pedra polida — enxós, cunhas, machados e outros instrumentos destinados ao trabalho da madeira ou ao cultivo dos campos — também são relativamente abundantes.

Os escassos ossos de animais encontrados foram utilizados para fabricar utensílios comuns, tais como furadores, espátulas e ainda o mais extraordinário artefacto até agora descoberto num contexto neolítico: um possível instrumento musical, feito a partir de ►



Se a réplica que vai ser construída confirmar que os habitantes neolíticos da Estremadura já fabricavam flautas, Portugal ficará na história da arqueologia mundial



► um osso de veado, para o qual não se acharam ainda paralelos exactos. Há também numerosas contas feitas de pequenos búzios, bem como braceletes e pulseiras feitas do gume de conchas ou de calcário, duas das quais envolvem os ossos do braço e do antebraço.

A cerâmica é bastante rara, embora tenha sido encontrado um vaso esferoidal inteiro, sem qualquer decoração, e raros fragmentos de vasos, um deles com pega vertical e decoração.

ASSENTO PERPÉTUO

ENQUANTO em muitas outras necrópoles neolíticas o arqueólogo se debate com uma deposição complexa de camadas antes de poder interpretar o posicionamento dos esqueletos, nesta gruta as transformações posteriores à deposição parecem de tal forma reduzidas que essa interpretação se torna mais fácil. A multiplicidade de utilizações do espaço da gruta demonstra que existem diferenças na forma de deposição dos corpos e que esta não parece ser caótica ou descuidada.

Encontram-se áreas com deposições colectivas, em que o esqueleto do tronco e membros se encontra separado do crânio, em núcleos de cerca de meia dúzia de indivíduos. Noutras situações, vemos esqueletos individualizados, com associação de quase todos os ossos, mas envolvidos num espaço de enterramento comum. Vêm-se ainda alguns indivíduos mais isolados, por vezes encaixados entre derrubes, nuns talvez naturais mas noutros aparentemente intencionais, como se fossem arranjos de nichos.

Embora se tratem de formas de enterramento diversas, todas se inserem em espaços comuns, em áreas mais ou menos abertas e visíveis da gruta. A única excepção detectada é a do corpo de uma mulher adulta que se encontra numa sala sem quaisquer outras ossadas associadas. As campanhas arqueológicas que se irão realizar de futuro poderão permitir analisar a complexidade das múltiplas formas de enterramento nesta necrópole.

Na campanha que agora terminou, foram escavados 16 metros quadrados numa sala da entrada da gruta, que presentemente se encontra dividida mas que na época de utilização da gruta como necrópole deverá ter constituído um espaço único, mais longo. O levantamento e desenho do espólio foi realizado a três dimensões e à escala de 1 para 5. A crivagem por via húmida da terra saída da gruta permitiu a recolha de minúsculas contas discóides de xisto, bem como de microfauna. A análise das pequenas espécies representadas, em comparação com a danificação visível nos ossos humanos, poderá contribuir para o conhecimento sobre a interferência de pequenos roedores no processo de decomposição dos corpos.

Pela acumulação dos ossos em estrela que é possível observar nos esqueletos completos depositados à superfície deduz-se que os corpos foram depositados em posição flectida, talvez sentados. É também possível ver que, nesta sala, foi utilizado o mesmo espaço circunscrito para depor indivíduo após indivíduo, numa sucessiva acumulação de ossadas humanas. ■

* Arqueólogo, IPPAR

** Antropóloga, Universidade de Alberta, Canadá